

EDITORIAL
Editorial

**Quando falar é fazer: a performance do
idoso na gestão do envelhecimento**

*When talking is doing: the elderly performance
in aging management*

A primeira parte do título deste Editorial, “Quando falar é fazer”, recupera os consagrados dizeres do filósofo britânico da linguagem, John Langshaw Austin, ao este pôr em questão o discurso como forma de ação; em algumas circunstâncias e sob condições.

Em outras palavras: muitas vezes “dizer é agir”, na medida em que ao proferir algo realiza-se, a um só tempo, um ato. Tais dizeres autenticados por Austin (1962) como atos, retomando ideias inicialmente expostas por um dos mais conhecidos linguistas, Émile Benveniste (1958), apresentam um fazer muito específico que revela *o agir reflexivamente sobre si mesmo e sobre os outros*¹ (isso tudo aqui apenas pontuado, mas a que se voltará mais adiante).

A relação entre o saber-fazer e a performance desejada do idoso, na gestão de suas problemáticas e de um novo envelhecimento que emerge nesta segunda década do século XXI, apontada na contraparte do título acima, pode parecer imprópria ou complicada, assimétrica até. Justifica-se, aqui, por ter sido fortemente motivada pelas propostas apresentadas sob vários pontos de vista, em artigos que se incluem nesta

¹ Um diferencial, com efeito, desses “elementos exorbitantes do ordinário” (cf. Milner, 1987: 14), nomeado posteriormente pelo próprio Benveniste ao discernir: “(...) *a sessão está aberta* é um ato, ao passo que *a janela está aberta* é uma comprovação. Essa é a diferença entre um enunciado performativo e um enunciado constativo.” (1966/1988: 302).

edição do volume 13(1) da *Kairós Gerontologia*, pertinentes à situação da pessoa idosa nas políticas públicas, na sociedade, na família, diante do cuidador etc., que nos fazem refletir sobre o que aqui está em causa: um novo dizer-agir por parte da pessoa idosa. Um dizer que é a formulação de um problema; e a um só tempo, fornece elementos para sua resolução; problema que, longe de ser um obstáculo para a ação, traz em si a própria realização.²

É preciso levar em conta que o idoso, no mundo atual, não deixa de se sentir interpelado implicitamente, por si mesmo e pelo outro, por sua existência de mais longevidade; explicitamente pelas inúmeras exigências e necessidades da vida cotidiana de um velho cada vez mais velho que diretamente lhe dizem respeito. E, então, perguntas nos advêm:

Diante dessa situação de ser interpelado pelo eu, pelo outro, pelo mundo, pelas coisas, o idoso não poderia “dizer-passando-ao-ato”, pondo em prática sua resposta mais adequada à solução dos problemas que o estão abatendo?

Será que cada idoso - se gozando de boa saúde física e mental -, à sua maneira e de sua parte, por mínima que seja, não poderia jogar seu “grão de areia”³ às necessárias mudanças, fundar em novos parâmetros o que deve ser o seu próprio, o próprio de sua geração?

Será que o idoso não seria capaz de mudar primeiro sua relação consigo próprio ao desdobrar sua problemática pessoal e familiar para um caráter social e converter o não-reconhecimento de sua “voz e vez” em ousadia e esperança? Villas Boas Concione destaca esse aspecto: “O sentimento kairós é forte, entretanto, e abre a possibilidade de uma avaliação atualizada, melhor, sempre renovada de si mesmo”.⁴ É preciso que o idoso, junto com a sociedade, também “acompanhe o salto qualitativo de mudança de época que vivemos, no cenário pós-moderno, no sentido de Lyotard (2002)”.⁵

Assim, acreditando-se uma pessoa resolvida, disposta a atuar junto a outros de sua geração, antecipando-se a governo, família, academia, o idoso não estaria ele próprio fazendo reconhecer seu “dizer-agir”, sua voz e aos poucos seu lugar na sociedade? Aliás, por que esperar isso das demais pessoas? Valeria a pena?

² Meyer, M. A ação nasce sempre da reflexão? *Café Philo: as grandes indagações da filosofia*. [Le Nouvel Observateur, Ed. Abreu, P., Trad. Marcondes, D., Rev.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999: 66.

³ Como diria Bourdieu, P. (2001). “Os grãos de areia”. *Contrafogos 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 79.

⁴ Villas Boas Concione, M.H. (2007, dez.). Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós Gerontologia*, 10(2), NEPE/EDUC/PUC-SP: 23.

⁵ Mercadante, E.F.; Lodovici, F.M.M. & Fonseca, S.C.da. Graduação em Gerontologia na PUC-SP: o desafio da longevidade. *Revista Kairós Gerontologia, Caderno Temático 4*, NEPE/EDUC/PUC-SP: 113.

Sob a sustentação teórica de Austin e Benveniste,⁶ e a partir dos resultados obtidos em pesquisa de campo, a seguir explicitada sobre o “falar-fazer” de pessoa idosa, é que se nos tornou permitido formular a presente hipótese: a eficácia da performatividade do dizer parece ser suficiente ou bastante, no caso de sua assunção por uma pessoa idosa, para trazer-lhe efeitos fecundos à subjetividade e ser talvez uma das formas de essa pessoa idosa voltar a ter presença, fazer sentido na família, na sociedade.

O próprio Austin traz a ideia de que é possível agir socialmente⁷ por meio da performatividade: um e outro, falar-fazer, concomitantes, sem uma zona intermediária ou de ruptura. Um fazer que não é localizável em certos pontos de um enunciado, mas cujo valor é o de atuar discursivamente.

Segundo Benveniste, esse *agir contínuo* o

(...) leva a reconhecer no performativo uma propriedade singular, a de ser sui-referencial, de referir-se a uma realidade que ele próprio constitui, pelo fato de ser efetivamente enunciado em condições que o tornam ato. Daí decorre o ser ao mesmo tempo *manifestação linguística* – uma vez que deve ser pronunciado – e *fato de realidade* – enquanto cumprimento do ato. O ato identifica-se, pois, com o enunciado do ato. O significado é idêntico ao referente.” (1988: 302).

Tendo projetado estas reflexões teóricas preliminares sobre a performatividade para a prática social, especificamente para a área gerontológica, e tendo em mãos um sumário interpretativo da performatividade discursiva de um idoso em entrevista (cf. análise dos dados adiante), podemos imaginar o quão competente porta-voz poderia ser o idoso se assumir a defesa de sua singularidade; e, assim, defender valores os mais coletivos — na verdade, um coletivo que pode se articular a partir de efeitos particulares. “Temos que reconhecer que, enquanto não construirmos um forte modelo alternativo de velhice, os caminhos continuarão restritos...”, como complementa Villas Bôas Concone.⁸

⁶ Ambos os estudiosos, ao fazerem tal análise linguística do “falar-fazer”, a muitos surpreendem, como tudo o que parece questionar ou dizer de uma evidência, mas “às vezes é útil pedir à evidência que se justifique”, como diria Benveniste (1966/1988: 284).

⁷ Aqui também seria possível, conforme foi discutido entre estas duas autoras, verificar em que casos um *ato de fala* pode ser considerado uma *ação social*, no sentido da teoria da ação social de Max Weber (Mercadante & Lodovici, no prelo).

⁸ 2007: 41, idem à nota (4).

Outras perguntas⁹ decorrem das anteriores: Quando destituída de sua voz, a pessoa idosa cede sua vez, dando oportunidade para que outros decidam falar em seu nome, em nome de alguém lúcido... Por que se arvoram algumas pessoas em tomar essa função que deveria ser do idoso? Com que autoridade elas o fazem?

Por que partir da ideia de que somos nós – profissionais mais jovens ou especialistas da área – aqueles mais aptos a decidir – em separado - pelas questões do envelhecimento, da velhice, inclusive sobre os destinos de nosso *idoso de casa*?

Por que não podemos aprender com os próprios idosos que experenciam todo o tempo sua condição de velhos?

Por que não admitir que possa existir algo na sabedoria dos mais velhos que seja de interesse dos familiares, dos profissionais, ou de um pesquisador da área gerontológica? Por que dispensar um encontro entre idosos e gestão gerontológica?

E, finalmente, por que o próprio idoso não pode dar-se conta de que a velhice é sempre uma questão problemática, não tempo de certezas, mas sempre tempo de mudar alguma coisa? Bem no sentido do que diz o aforismo: *“Só um sentido de invenção e uma necessidade intensa de criar levam o homem a revoltar-se, a descobrir e a descobrir-se com lucidez.”* (Pablo Picasso)

Lucidez sobre a própria vida, com efeito, não falta a grande número de idosos; bastando um simples diálogo com eles e sua competência nos mais variados assuntos logo se revela. Se se fizerem escutar, eles podem dizer de suas necessidades e exigências dentro das políticas gerontológicas, relativas quer quanto às de cuidados e serviços, quer quanto às de gestão do envelhecimento.

Numa comparação com profissionais mais jovens da área, um resultado favorável certamente seria obtido pelos idosos que já queimaram muitas etapas vivenciando suas problemáticas e podem permitir, se ouvidos em sua experiência, que outros se valham desses conhecimentos e saltem tais etapas.

Os próprios idosos, com efeito, estão indiciando que têm coisas pertinentes a dizer, fundadas em anos de experiência; e que seus enunciados podem afetar, de um modo bem particular, a escuta de seus ouvintes.

Eles estão já vindo a público para divulgar suas opiniões e verdades sobre o processo de envelhecimento ou sua velhice. Os portais do Envelhecimento ou as Universidades da Maturidade, ou da Terceira Idade, ou da Melhor Idade aí estão plenos

⁹ Questões inspiradas nas formuladas por Rajagopalan (2003), voltadas à área linguística.

de idosos que mostram que eles estão se dando conta de seu valor. Embora leigos na área científico-gerontológica, sabem muito de si, porque forjados o foram, com relação às necessidades e exigências de cada idade, nas décadas de vida por que passaram. Muitas de suas dicas sobre a vida ou sugestões de encaminhamentos a problemas do envelhecimento e da velhice podem até, em muitos casos, ser mais valiosas ou mais realísticas que as postulações, por exemplo, de muitos dos especialistas da área.

Muitos dizeres de idosos, pertinentes e fundamentais para o avanço da área gerontológica constituem o empírico dos estudos apresentados nos artigos deste volume 13(1), da *Kairós Gerontologia*.

Trazem, por conseguinte, os artigos em conjunto, e cada um em particular com foco maior ou menor, a especificidade do olhar de uma área ou de áreas interdisciplinares à reflexão sobre o grande problema da gestão do envelhecimento e da velhice neste final de primeira década do século XXI.

Formula-se aqui o compromisso unânime dos autores, mas em salutar pluralidade de temáticas, de se reverem e se problematizarem pressupostos fundadores da disciplina gerontológica, temáticas essas incidentes sobre:

- (1) o protagonismo político e social na velhice, com a discussão de suas implicações e problemáticas;
- (2) a educação como espaço de integração, inserção e reconhecimento social para o idoso;
- (3) a necessária cobertura do tratamento que recebe o tema da Terceira Idade na Imprensa Brasileira;
- (4) a discussão em torno da paisagem mental de idosos a partir de suas histórias de vida;
- (5) o caráter de uma investigação psicogerontológica que deve aliar necessariamente aspectos quanti- e qualitativos;
- (6) a motivação que leva os idosos a retornarem ao trabalho pós-aposentadoria;
- (7) o caráter de enfrentamento diante da morte e para a qualidade de vida;
- (8) a discussão das narrativas no feminino;
- (9) como lidar com sentimentos desencadeados na relação entre cuidador e idosos;
- (10) a compreensão do idoso na vivência de internação hospitalar;
- (11) um “estado da arte” acerca das principais demências na população brasileira;

(12) um relato de experiência sobre os complicadores à medicação de idosos em contexto familiar.

Promover o diálogo crítico entre leitor & articulista & editoria, a fim de levar adiante a continuidade das temáticas aqui propostas, seja ao problematizar conceitos, criar controvérsias, debater pontos de vista, ou seja ao inscrever o objeto da reflexão – o gerontológico - em uma perspectiva interdisciplinar antes de tudo crítica — é o objetivo deste volume da *Kairós Gerontologia*, quando estamos nos abstendo propositadamente de qualquer antecipação sobre o conteúdo específico de cada texto, a não ser estes poucos dizeres em torno de sua temática.

Textos que não precisam ser lidos em sequência, mas cada um abrindo fronteiras à reflexão do leitor, que é convidado a também entrar no diálogo aqui proposto, a partir da possibilidade de iniciá-lo ou continuá-lo por meio do e-mail de cada articulista e também desta editoria.

Nas páginas seguintes a esta, retomamos o falar-fazer para uma explicitação mais estendida e ver, na análise dos dados, como esse ato de fala é explorado pelo falante-idoso que, na verdade com felicidade, vai para além dele na sua fala cotidiana.

Boa leitura a todos e aguardamos as réplicas!

Retomando o fio da meada... O idoso e o falar-fazer

Dizer que uma pessoa idosa é capaz de ações eficazes, concomitantes a seu dizer, em sintonia a uma concepção performativa da fala, exige que se fundamente ou se ateste empiricamente tal afirmação. No decorrer deste estudo, a interpretação de enunciados-réplicas a questões de entrevista com um idoso põe em evidência uma performance de tal qualidade, que o coloca talvez em lugar até mais de destaque do que o estaria outra pessoa que não idosa.

Performance¹⁰ é entendida aqui como a manifestação da competência do falante nos seus atos de fala, e se aplicada à questão do envelhecimento, a nosso ver, pode ser bastante profícua. Tal nos permite afirmar que a pessoa idosa pode fazer valer para si própria e ao pé da letra um aforismo cotidiano expresso por “Dito e feito” – e certamente de forma mais habilidosa e competente do que outrem. Dito isto, entendemos que, neste caso da pertinência do discurso-ação de um idoso, justificar-se-iam plenamente os dizeres do título acima em termos austinianos, na medida em que o termo aplicado ao agir – a performance, ou mais especificamente o ato de fala performativo -, estaria sendo de efeitos bastante eficazes, como dito antes, à subjetividade do próprio idoso.

Não restam dúvidas, a nosso ver, de que se poderia entender, nos tempos atuais, esse idoso como alguém que pode fazer algo decisivo, comprometer-se ele próprio com seu dizer, podendo afetar realidades a partir da eficácia de sua performance discursiva, acarretando efeitos de sentido às outras pessoas, como os de convencer ou persuadir a uma decisão política que favoreça o campo da velhice, por exemplo. Justo no sentido de o idoso licenciar-se como porta-voz daquilo que pode ainda oferecer à sociedade e daquilo que espera contar da sociedade.

Pensar o idoso a partir dessa perspectiva austiniana relida por Benveniste (1988) é também evocar aqui o “tomar vez e voz na linguagem”, explicitados por Lier-De Vitto, Fonseca e Landi (2007: 19),¹¹ embora aqui em uma outra concepção, a

¹⁰ Mantido o termo “performance”, consagrado em português (cf. Novo Dicionário Aurélio): termo técnico comprometido com a teoria linguística que o lançou, a gramática gerativa. A performance depende da competência (sistema de regras) do sujeito psicológico, da situação de comunicação e de diversos fatores: a memória, a atenção, o contexto social, as relações psicossociais entre falante e interlocutor, a afetividade dos participantes na comunicação etc. (Dubois, J.; Giacomo, M.; Guespin, L.; Marcellesi, J.-B. & Mevel, J.-P. (2004). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix: 463-4).

¹¹ Lier-DeVitto, M.F.; Fonseca, S.C.da & Landi, R. (2007, jun.). Vez e voz na linguagem: o sujeito sob efeito de uma fala sintomática. *Revista Kairós Gerontologia*, 10 (1): 19-34.

sociointeracionista da linguagem: “*Entendemos que essa expressão refere a condição de um falante de poder sustentar-se na ilusão de ‘estar em controle’ da própria fala*”.

Assim, não somente a voz do idoso, a nosso ver, é que pode habilitá-lo a dar conta da gestão de seu envelhecimento, de sua velhice no mundo atual. É especialmente a vez de o idoso também ocupar o espaço da gestão, com propriedade e justeza, do próprio campo do envelhecimento. Nenhum contra-senso poderia ser atribuído a isso; afinal, quem entende das necessidades e exigências do idoso é ele próprio que pode tomar posição em sua vida, ressaltando-se que não lhe falta – assim como à maior parte dos idosos - competência e habilidades para tal, dado que, pelo menos em questões de tradição, são os mais maduros e entendidos. *Sobre as asas de Chronos... deve assentar-se Kairós*.

Tais reflexões sobre o falar-fazer parecem contradizer enunciados da conversa cotidiana, como: "Falar menos e agir mais" e "Quem muito fala, nada faz", ao apontarem estes para uma situação paradoxal, ou uma incompatibilidade, entre falar e agir. Independentemente de tais dizeres, essas reflexões sobre os atos performativos parecem tomar partido, por sua vez, do aforismo do dia a dia, “Dito e feito!”,¹² aplicado a situações as mais diversas, indissociando intenção e ato.

Assim é que a performatividade ou a eficácia performativa do dizer que teve em Austin (1962)¹³ um de seus maiores proponentes, receberam antes, de Benveniste (1958)¹⁴, em “Da subjetividade da linguagem”,¹⁵ algumas ideias essenciais, por exemplo, a respeito da natureza dos verbos do “fazer”, quando este afirma que:

São verbos que denotam pelo seu sentido um ato individual de alcance social: *jurar, prometter, garantir, certifier...*[=*jurar, prometer, garantir, certificar...* As consequências sociais, jurídicas etc.) do meu juramento, da minha promessa se desenrolam a partir da

¹² O espontaneísmo dos modos de falar populares (tomados por muitos como naturais, vulgares), aqui recuperado, pode evidenciar, a nosso ver, um jogo curioso (e rentável) entre o que está no ‘imaginário do povo’ e a singularidade, o refinamento analítico da ‘descoberta’ teórica austiniana.

¹³ Filósofo analítico da nova geração da Escola de Oxford, tributário à filosofia do senso comum de G.E.Moore, Austin (1911-1960) alinhou-se com Ludwig Wittgenstein (seu aluno e amigo), dedicando-se a estudos minuciosos sobre as matizes da linguagem ordinária, cuja questão é determinar, antes do que se pode fazer a partir da fala, o que se faz no próprio ato de falar. Desenvolveu, nessa linha, grande parte da atual teoria dos atos de fala/do discurso, qualificando-os, sob circunstâncias ideais de proferimento, em felizes/infelizes. Sua teoria é referência obrigatória de qualquer forma de pragmática da linguagem.

¹⁴ Um dos mais criativos e iluminados linguistas do século XX, Émile Benveniste (1902-1976) foi discípulo e sucessor da escola estruturalista saussuriana. Seus estudos técnicos altamente especializados da linguagem foram tão relevantes para a semântica linguística, a ponto de a qualquer tema de linguagem com que possamos trabalhar encontremos alguma menção em Benveniste.

¹⁵ Benveniste, E. (1958). “Sobre a subjetividade na linguagem”. In: *Journal de Psychologie*: 267ss., retomado em: Benveniste, E. (1966), cap. 21. “Da subjetividade na linguagem”: 284-93.

instância de discurso que contém *je jure, je promets*. A enunciação identifica-se com o próprio ato. Essa condição, porém, não se dá no sentido do verbo: é a “subjetividade” do discurso que a torna possível.... Enquanto *je jure* é um compromisso, *il jure* é apenas uma descrição... É uma consequência do fato de que a própria instância do discurso que contém o verbo apresenta o ato, ao mesmo tempo em que fundamenta o sujeito. Assim, o ato é cumprido pela instância de enunciação do seu “nome” (que é *jurar*), ao mesmo tempo em que o sujeito é apresentado pela instância de enunciação do seu indicador (que é “*eu*”). (1966/1988: 292-3).

Desse fragmento de Benveniste, pode-se verificar como esse linguista, além de fazer a distinção¹⁶ (ainda que a nomeação de performativo-constativo seja de Austin) entre uma modalidade de enunciado-compromisso e outro enunciado-descrição, opondo o exemplo de *eu juro* (compromisso), e o de *ele jura* (descrição), elabora dois critérios para a performatividade: o da *subjetividade* e o da *gramaticalidade*. Este último subsumindo dois aspectos: o da forma verbal performativa e o da primeira pessoa do presente.

Sobre a relação entre forma verbal e performatividade, vê-se que os enunciados performativos têm, via de regra, um verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e voz ativa. Por exemplo: *Eu a dispenso de ser minha cuidadora*. Um enunciado performativo, a despeito de esta mesma forma também se encontrar nos enunciados constativos (exemplo: *Eu escrevo à minha cuidadora*).

O que diferencia um verbo performativo de um verbo constativo, como por exemplo: *Eu dispenso* e *Eu escrevo*, é a relação de ambos os verbos com as outras formas da conjugação que não é a mesma: enquanto o verbo “dispensar” é performativo na primeira pessoa do presente; e constativo em todas as outras formas, salvo no imperativo, o verbo “escrever”, ao contrário, é constativo em todas as suas formas, exceto o imperativo. Em hipótese alguma, dizer “Eu escrevo” deixa de efetuar a ação de

¹⁶ Para Benveniste, “O enunciado performativo tem a sua função própria: serve para efetuar uma ação. Formular esse enunciado é efetuar a ação, ação que, ao menos com a mesma precisão, não se poderia talvez cumprir de nenhuma outra maneira. Eis aqui alguns exemplos: (1) Batizo este navio Liberdade. (2) Desculpo-me; (3) Dou-lhes as boas vindas; (4) Aconselho-o a fazê-lo... Dizer ‘eu prometo’, formular, como se diz, esse ato performativo, é o próprio ato de fazer a promessa...”. (1966/1988: 296-30). Legítimos em sua evidência performativa também o são: (5) Declaro-os marido e mulher; (6) Prometo que voltarei hoje - chamados por Austin de *performativos explícitos* (1962: 39), cuja função primária não é descrever algum evento externo e primário, mas ser um componente constitutivo e efetivo da ação em que se inserem. O aparato performativo austiniano foi ponto de partida da teoria dos atos de fala.

escrever. Dizer “Eu escrevo” é descrever o que estou fazendo ou o que faço habitualmente. (Cervoni, 1989).

Benveniste enfatiza que o enunciado performativo “deve nomear a “performância” da palavra e o seu “performador”. Isso quer dizer que um enunciado é performativo na medida em que denomina o ato performador pelo fato de um *eu* pronunciar a ação por meio de um verbo na primeira pessoa, o que é por si mesmo um ato. “O enunciado é o ato; aquele que o pronuncia, cumpre o ato denominando-o. Nesse enunciado, a forma linguística é submetida a um modelo preciso, o do verbo no presente e na primeira pessoa”. (1988: 303).

Para além de Benveniste, que se preocupava fundamentalmente com os critérios para a performatividade, muitas outras discussões se instauraram entre os linguistas no decorrer dos anos.

Dentre aqueles que vão ao encontro das ideias de Austin, está Parret (1988: 19)¹⁷, ratificando tal concepção do dizer-agir: “*A lição essencial de Austin (1962) não é que as sequências linguísticas expressam ações, mas que elas são ações...*”, além disso, situa o ponto central da perspectiva austiniana: o de que a ação linguística é uma ação intencional. Neste caso, o “*falante tem intenções específicas e pretende além do mais que sejam reconhecidas...*”. (Parret, 1988: 19).

Cervoni (1989) ratifica a afirmação de Austin de que o valor de ato está presente em todo o enunciado, sendo parte constitutiva de seu sentido. Cervoni apresenta também os desdobramentos pós-austinianos, pontos de vista divergentes em língua francesa sobre a questão da performatividade que mostram as relações entre a linguística e a pragmática, como o de Ducrot, em *Dire et ne pas dire*; o de Berrendonner e o de Martin, em *Pour une logique du sens*.

Autores de língua inglesa também desenvolveram alguma parte da teoria dos atos de fala, como Searle (1969; 1971, em “What is a Speech Act?”; Searle e Vanderveken (1985), em *Foundations of illocutionary logic*, destacados em seu acréscimo teórico por Rajagopalan (2003: 30), especificamente a respeito das “condições de satisfação” dos enunciados ligados ao agir, nos seguintes termos:

(...) da mesma forma que um ato de asserção está sujeito a um compromisso, por parte do emissor, com a verdade da proposição afirmada e uma série de outros requisitos, uma ordem, uma promessa

¹⁷ Parret, H. (1988). *Enunciação e pragmática*. Campinas: Editora da Unicamp.

etc. – enfim, todos os demais atos, também teriam “condições de satisfação” (*conditions of satisfaction*) semelhantes, que podem ser pensadas, usando-se como modelo as condições que “satisfazem” o ato de asserção. (p.30).

Pontos de vista ou desdobramentos posteriores não estão sendo aqui tratados, pois nos levariam demasiado longe, justamente por se optar em manter a presente discussão nos limites da teorização de Austin (1962) e Benveniste (1958; 1966)¹⁸, para verificar o que releva da ordem do social, aproximar os aspectos teóricos dos atos de fala à problemática social do envelhecimento da população.

Análise / Interpretação de alguns dados de ação discursiva do idoso: suas ressonâncias

É de relevância para nossa discussão destacar as diversas e valiosas modalidades de ação que um falante (no presente caso com dados do campo do envelhecimento), realiza ao apenas dizer algo e das quais precisamos nos dar conta ou estarmos a par, em função de suas implicações, inclusive as de várias ordens, política, ideológica... Tais modalidades de ação ocorrem quando, por exemplo, um idoso (LC) diz, aqui em alguns excertos do diálogo com entrevistadora (E):

(1) LC - *Sou velho. Sempre morei nesta casa; antes eu e minha esposa e filhos, agora eu e meu cachorro...*

E – Morar sozinho nem sempre é bom; e daqui a pouco...?

LC – *Tenho família...*

(2) E – Agora, com o braço engessado, o senhor não precisa ter uma cuidadora? A Iracema, indicada pelo seu filho...

LC - *“Quer saber duma coisa? Dispensio Iracema de ser minha cuidadora, ela não me liga, encalorada como ela só...”*

¹⁸ Ambos os estudiosos, ao fazer tal análise linguística do “falar-fazer”, podem surpreender, como tudo o que parece questionar ou dizer de uma evidência, mas, como diria Benveniste (1966/1988: 284), “às vezes é útil pedir à evidência que se justifique”.

E – Como?...

LC – *Ora, pra bom entendedor... ah!, vamos deixar como está, pra ver como é que fica...*

(3) E – E aí, o senhor se dá bem com sua família...

LC – *Ó, quero combinar já: quero que você conheça meu filho... Quando ocê volta? Amanhã? Chamo ele aqui?*

(4) E – Eu volto na próxima semana. Nesta, eu é que preciso ir ver meu pai...

LC – *Pai, em primeiro. Recomendo isso procê, minha filha, enquanto ocê tem ele.*

(5) E – Ah, sim, seu P. Então, que dia marcamos para continuar...?

LC – *Ó, compromisso é compromisso, hein! Quero sua presença aqui pra me visitar de hoje a sete...*

Pode-se evidenciar, que de (1) a (5), uma ação diferente é realizada em cada uma das seqüências de dizeres. Aqui não se optou por uma lista exaustiva de todas as ações, na medida em que mostram procedimentos discursivos diversos, mas evidenciando apenas os dizeres de LC, o idoso aqui focado.

Vejamos, então, como ao modo de Benveniste (1988: 299-304) podem ser analisadas algumas dessas ações selecionadas:

Em (1) citado acima, encontramos a função performativa ou um performativo em pleno exercício que se presta diretamente à análise. (1) é exemplar de *uma primeira definição de performativo*, tendo-se aí, na verdade, um enunciado performativo que se reduz na superfície a um *dictum*, que é representado por estas partes do diálogo: “*Sou velho... Tenho família...*”.

Trata-se, de fato, de um *dictum*, dado que a enunciação expressa é indispensável para que o texto ganhe qualidade de performativo.

Um verbo “declarativo-jussivo”, de categoria performativa, está aí implícito (*Digo/Declaro que...*), na primeira pessoa do presente. Neste caso, cumpre-se, no momento da enunciação, a declaração de tomada de consciência de sua condição de ser

velho e de ter familiares. E essa ação performativa costuma estar, via de regra, claramente explícita na superfície do dizer, ou no caso de (1), parcialmente explícita, não rompendo com a particularidade performativa cuja função deve ser a explicitude da intenção do falante.

Verifica-se também que à performatividade, combina-se, em (1), uma função não-explícita, “nas entrelinhas”, de *requisição de atendimento* a um desejo, a uma expectativa de LC morar num futuro próximo na residência familiar, ainda que isso não seja expresso explicitamente, em “*Tenho família...*”.

Em “*Sempre morei... cachorro*”, não se tem uma mera *explicação/descrição* como aparece na superfície textual (“nas linhas”).

Do mesmo modo, a contribuição de E (“O senhor, morar sozinho nem sempre é bom...”) não é descrição, mas implicitamente *rejeição com justificativa* a uma determinada condição de moradia (ou até mesmo parte de uma *recomendação* por parte da entrevistadora).

Ressalte-se, acima de tudo, que o *fazer*, concomitante ou complementar ao *dizer*, se dá sob certas condições que em (1) se revela por meio de uma expressão *veriditiva*, em situação cotidiana, oferecendo um veredito sobre o lugar preferido de moradia para LC, sustentado com base em valores ou sustentação desse próprio idoso.

O que se pode sumarizar da performance discursiva de LC em (1) é que, no diálogo com a entrevistadora, esse idoso está alerta para os problemas de sua vida, inclusive futuros, combinando vários procedimentos discursivos: não apenas o da função explícita performativa que resulta de uma intenção e de um cálculo, ambos voluntários, mas também aquele da função não-explícita (ou do implícito, daquilo que está nas “entrelinhas”), fazendo uso dessas entrelinhas em seu dizer, e também compreendendo as de sua entrevistadora. LC lida com o novo e não apenas com o recorrente do discurso, tendo sempre um contradito ao dito pela entrevistadora E, o que se vê em: “E – *Como?... / LC – Ora, pra bom entendedor... ah!, vamos deixar como está, pra ver como é que fica...*”. Com esse dizer tornado mais vago ainda do que o é, LC mostra que “tudo não se diz” (Milner, 1987: 7).

Voltando à questão das ações performativas, a despeito de sua realização ou concretização futura, pode-se dizer que seu sucesso depende, contudo, não apenas do sujeito que profere tais enunciados ou do ouvinte comprometido com o falante, mas em especial de todo a um conjunto de condições que cercam a produção e recepção daquele “dizer-fazer”.

Para Benveniste (1988: 298), ainda que algumas circunstâncias possam tornar o enunciado performativo nulo, por exemplo, “*quando o que o efetua não está qualificado ou lhe falta sinceridade, ou rompe seu compromisso*”, esse linguista não foca seu interesse em considerações sobre os *a posteriori* “azares” lógicos que podem atingir e tornar inoperantes os enunciados performativos. Para Benveniste, isso é apenas o acessório.

Interessa-se Benveniste, na verdade, pelo fato de o enunciado performativo ser um fato de língua que serve de fundamento a uma análise e lhe atribui tanto maior sentido quanto, independentemente, assinala a situação linguística particular desse tipo de enunciado. Dessa forma, a nosso ver, Benveniste vai para além da proposta de Austin, ao delimitar o campo de exame dos enunciados performativos e de especificar os exemplos que julga adequados ou mais evidentes enquanto performativos. Assim, Benveniste, em sua problematização dos performativos (1988: 305), argumenta que não se deve fazer intervir a consideração de um “resultado final”, que pode ser fonte de confusão, como o relativo a (1): ninguém pode garantir agora que o idoso irá morar com a família no futuro. Benveniste ainda ratifica:

Se não nos prendemos a critérios precisos de ordem linguística e formal, e em particular se não cuidamos em distinguir sentido e referência, pomos em perigo o próprio objeto da filosofia analítica, que é a especificidade da linguagem nas circunstâncias em que valem as formas linguísticas que escolhemos estudar. A delimitação exata do fenômeno de língua importa tanto à análise filosófica quanto à descrição linguística, pois os problemas de conteúdo, pelos quais se interessa mais particularmente o filósofo, mas que o linguista tampouco negligencia, ganharão em clareza se forem tratados dentro dos quadros formais. (2008: 305).

Segundo Austin, todos os argumentos que contrariam ou interditam as ações realizadas *no dizer*, no entanto, não significam que o que foi acordado fosse falso, mas apenas que tais ações não se mostraram posteriormente bem sucedidas, quebrando as expectativas criadas, mas nada de forma diferente daquilo ocorrente em outras ações, quando, por exemplo, o idoso pede para o ônibus parar fora do ponto e o motorista sente-se impedido de parar por ser área alagada.

Tendo sucesso, ou não, ações como a de *exigir, pedir, prometer, combinar* etc. já se instituem ações por si mesmas, à sua simples enunciação.

Continuando a análise dos enunciados do entrevistado LC, em (2) acima, apresenta-se uma construção verbal com um complemento direto (*a Iracema*) e um termo predicativo (*cuidadora*): “*Dispensar a Iracema de ser minha cuidadora... ela não me liga, encalorada como ela só*”. Trata-se, aqui, de *outra modalidade de enunciado performativo* constituído especificamente em termos de predicação verbal.

Verifica-se em (2): - de um lado, uma expressão *exercitiva*, consistindo em o idoso LC tomar uma decisão contra (poderia ser a favor) determinado comportamento da família relacionado a ele próprio (a de dispensar a cuidadora); - por outro, uma expressão independente de qualquer “resultado final” que tal processo performativo dentro das condições estritas de emprego o autorizam pelo valor verbal: o de a pessoa idosa não puder impor sua vontade de dispensar uma cuidadora, dada a necessidade de cuidados intensivos ministrados por profissional permanente, por estar parcialmente dependente, por causa do braço engessado.

O que se pode depreender da performance discursiva do idoso LC em (2) é que, no diálogo com a entrevistadora, ele faz uso de outra modalidade da função performativa e também da função não-explicita, mostrando sua habilidade de raciocínio, por exemplo, em “*ela não me liga, encalorada como ela só...*”. O que querará LC dizer com esse enunciado que trouxe estranhamento, problemas de entendimento a L (“Como?”, ela pergunta). Há alguma coisa aí que não está dita. Será que é esse o efeito que LC quer produzir em E? A entrevistadora tencionou encontrar o sentido pretendido por E, atendendo a um princípio discursivo — o do cooperativismo, que deve reger toda e qualquer comunicação humana, embora E não tenha conseguido restabelecer a coerência de tal frase, integrá-la, enfim, de forma coerente com o que foi dito antes. Para tal, a entrevistadora teria que ir para além da forma, isto é, daquilo que LC proferiu; E teria que descobrir um sentido que não é dado pela língua, mas advém de uma cadeia inferencial. Na verdade, LC faz uso de um conhecimento prévio sobre a cuidadora, não compartilhado por E. Vê-se por aí como é preciso uma ligação co-textual com conhecimentos prévios, para que se possa dar conta de muitas coisas do que é dito por LC.

Em (3), o enunciado de LC propõe um compromisso pessoal (uma *combinação*) entre ele que o enuncia e a entrevistadora que o escuta: “*Ó, quero combinar agora: quero que você conheça meu filho... Quando você volta? Amanhã? Chamo ele aqui...*”,

porque emitido em condições apropriadas numa data e em um lugar definido — *outra modalidade aqui realizada de enunciado performativo*: o falante fazendo uma combinação ou uma cobrança que julga poder ser cumprida pelo interlocutor. Tem-se aí uma expressão chamada de *comissiva*, comprometendo falante/ouvinte para o cumprimento de algo, no caso que favoreça a LC ou a ambos os interlocutores. Ainda que, neste caso (3), o “resultado final” possa não satisfazer: a entrevistadora pode se ver obrigada a romper com a combinação proposta ou exigida pelo entrevistado LC de ela voltar no dia seguinte para conhecer seu filho. Em suma: o processo performativo independe mesmo do “resultado final”.

O que se pode depreender da performance discursiva do idoso LC em (3) é que, no diálogo com a entrevistadora, ele demonstra uma atitude de flexibilidade mental extraordinária. Faz hipóteses, predições, inferências, embora se saiba que nem todas elas sejam passíveis de verificação ou serem bem sucedidas.

De certa forma, LC muda a direção do assunto em foco na pergunta, escapa de sua resolução por meio de uma resposta adequada, cria um novo objeto de atenção. LC não quer apenas responder à pergunta de E; ele a transforma. Assim, em vez de responder sobre sua relação com toda a família, LC mostra, em um *insight psicolinguístico* (no sentido de uma ideia que para ele seria mais produtiva), que seu foco preferido é o filho, propondo para isso um encontro com a entrevistadora, com dia, hora e local de antemão combinados.

LC surpreende E, pela sua flexibilidade de arranjo mental, pois ele tenta substituir uma resposta adequada à pergunta, formulando uma hipótese preditiva para algo que pode acontecer no dia seguinte.

Em (4), tem-se *mais uma modalidade de enunciado performativo*, quando LC faz uma *recomendação* à E: “Pai, em primeiro. Recomendo isso procê, minha filha, enquanto ocê tem ele”. Claro que o idoso LC supõe que sua recomendação deva ser aceita, tacitamente ou não, e cumprida por E.

O que se pode depreender da performance discursiva de LC em (4) é que, no diálogo com E, esse idoso se mostra perfeitamente lúcido, ciente dos valores familiares tradicionais que são os de dar precedência à relação com os pais.

Vê-se que LC segue, sem se aperceber muito disso, as máximas da conversação postuladas pelo filósofo Grice, dentre elas: (i) máxima da quantidade, assim explicitada: LC faz sua contribuição tão informativa quanto necessária, mas não mais informativa do que necessária; (ii) máxima da qualidade: LC tenta fazer com que sua contribuição seja

verdadeira; i.é, ele não diz nada que acredite falso, ou para o que não tenha as evidências adequadas, ainda que estas sejam de senso comum ou da tradição passadas de geração a geração; (iii) máxima da relação: LC faz com que sua contribuição seja relevante aos objetivos da conversa em andamento com a entrevistadora; (iv) máxima de modo: seja claro. LC tenta evitar obscuridade, ambiguidade, prolixidade, desordem em suas réplicas às perguntas feitas pela entrevistadora.¹⁹

Os dizeres de LC mostram-se estruturados com coerência e coesão, dado que não se pode considerar, por exemplo, que falte informação (falha no fio condutor dos dizeres de LC); em “*Pai em primeiro...*”; a pressuposição aí é a de que a palavra subentendida não pode ser outra senão “lugar” ou “plano”.

Portanto, LC é capaz de promover inferências, no caso tornar implícitas certas palavras que dispensam serem postas em superfície textual. Para tal, verifica-se que está em dia seu conhecimento linguístico (a expressão *em primeiro* só pode ser completada pelo ouvinte por *lugar, plano*).

Seu conhecimento de mundo, sua experiência na família sobre situações ou eventos em sua forma mais usual, mais típica, também está em ordem: o pai, como chefe da casa, costuma ser colocado sempre em primeiro (*lugar, plano*). LC se vale do discurso a mais ou a menos do que este pode expressar linguisticamente o que mostra que LC, em suas estruturas internas, disponibiliza mais que uma gramática em uso e as instruções ou estratégias para seu uso.

Também não surpreende o uso por LC de “isso” (em *Recomendo isso*). LC mostra-se assim capaz, como qualquer falante proficiente de uma língua, de fazer uso de relações anafóricas: *isso* refere um antecedente no discurso, que em (4) é o enunciado de E: “Nesta, eu é que preciso ir ver meu pai...”, com o que LC concorda plenamente: “...*Recomendo isso procê, minha filha, enquanto ocê tem ele*”. No caso, *isso* da resposta de LC está numa relação de co-referencialidade com *Nesta, eu é que preciso ir ver meu pai*, da resposta de E.

Em (5), *outra modalidade de enunciado performativo*, LC faz uma cobrança que julga poder ser atendida por E: (*Ó, compromisso é compromisso, hein! Quero sua presença aqui pra me visitar de hoje a sete...*). Note-se que o enunciado performativo, tal qual este caso, de acordo com Benveniste,

¹⁹ Traduzido de Clark & Clark, 1977: 122, encontrado em Scott, Mike. (1983). Lendo nas entrelinhas. *Cadernos PUC 16. Linguística*. São Paulo: Cortez: 116.

não tem valor de descrição, nem de prescrição, mas ainda uma vez de *cumprimento*. Por isso, tais indicações de data, de lugar, de pessoas, de testemunhas muitas vezes etc.; enfim, o performativo é acontecimento, porque cria o acontecimento.” (1988: 302).

Revela-se, em (5), uma expressão *condutiva*, ao tratar do *cumprimento* ou de uma reação que se pretende do interlocutor relativamente a um destino ou conduta posterior.

O que se pode depreender da performance discursiva do idoso LC em (5) é que, no diálogo com E, ele mostra que continua perfeitamente lúcido, que segue as máximas conversacionais gricianas de um bom falante ao se comunicar.

Mostra-se com a memória em dia, ao recuperar convenientemente uma expressão litótica (“*compromisso é compromisso*”).

E, de forma divertida, LC transforma também o compromisso de dar uma entrevista em o fato agradável de ser visitado por E (“*Quero sua presença aqui pra me visitar de hoje a sete...*”).

Considerações finais

A questão da performatividade, manifesta de início em Benveniste (1958) em seguida em Austin (1962), mostra-se suficiente, a nosso ver, para evidenciar a que grau de sofisticação podem chegar alguns dos mecanismos interpretativos que entram em jogo quando se faz uso da linguagem ordinária do cotidiano (Cervoni, 1989).

Este estudo objetivou verificar como muitos idosos lidam, de forma bastante competente e lúcida, com funções não explícitas dos enunciados, bem como com as explícitas performativas, em que “dizer é agir”, mas um agir reflexivo sobre si mesmo e sobre o outro, um discernível muito específico apontado desde logo por Benveniste. Questão suficiente também para atestar que muitos idosos, como aquele que aqui comparece, são vocacionados, em termos de habilidades e estratégias verbais e de raciocínio, a agir por si e pela comunidade de idosos, ainda que seus dizeres precisem ser mostrados.

A análise acima, seguindo o modelo de Austin-Benveniste, que incide sobre atos de fala performativos, mas que não deixa também de considerar os enunciados não-

explícitos ou outros explícitos relevantes em suas funções pragmático-discursivas para o propósito deste estudo, foi aqui introduzida no sentido de mostrar que o idoso dá conta, e instantaneamente – como o fez certamente em toda a sua vida de falante – de um manejo adequado e inteligente da linguagem no seu funcionamento usual.

Os enunciados-réplicas do idoso LC, em diálogo com E, a entrevistadora, que receberam nossa interpretação, tornam possíveis e verificáveis seus bem-sucedidos atos de fala, pelo menos em termos do que interessa à presente investigação: a eficácia performativa de sua produção, enquanto “falar-fazer”, e os efeitos de sentido sobre ele próprio, sobre a entrevistadora e estas articulistas, ressaltando ser indiferente “o resultado final” de tais ações – acessório, como bem disse Benveniste.

Os resultados demonstram, pois, que o idoso LC aplica em sua fala aquilo que está subjacente às mais complexas interações verbais: regras (psicolinguísticas, dentre outras), habilidades e estratégias (metalinguísticas e de natureza pragmática), com o uso de predições, implícitos, apagamento do explícito etc.

Tudo isso pode ser verificável na fala desse idoso, a despeito de este sentir – conforme se pôde depreender de seus dizeres - que, na família, na sociedade, ou até mesmo por parte do cuidador, muitas vezes, não haver escuta a seus dizeres de idoso... e, pior, na maior parte das vezes em questões que ele próprio – melhor que ninguém – pode opinar ou decidir com justeza e propriedade.

Isso mostra que um diálogo de instâncias que parecem não dialogar o suficiente – entre a família e os idosos de casa; entre o cuidador, a família e o idoso sob sua responsabilidade; entre os estudiosos da área, famílias, cuidadores e idosos – pode propiciar uma benéfica interação que, de alguma forma pode até já existir, mas que é preciso aproximar mais ou reforçar.

Aqui podemos afirmar, mais uma vez nos valendo, *mutatis mutandis*, dos dizeres do linguista Rajagopalan (2003) que:

[A ciência gerontológica]... pensa a vida do idoso, e como tal, pensar *sobre* a vida não elimina pensar *em* vida. É um engodo criar um espaço estratoférico ou isolado da realidade *para a* vida [de uma ciência, como a gerontológica, por exemplo], pois sem o oxigênio vital que nos cerca, podemos parar de respirar e de nos alimentar *da* vida... Pensar *sobre* indica distanciamento; pensar *em*, por sua vez, indica o mergulho. No entanto, ambas as posições comungam no pensar: não há como excluir ramos de mesma teia. (p. 13).

Queremos ainda trazer, para encerrar este Editorial em suas considerações sobre o falar-fazer e o envelhecimento, o aforismo secular que aparece em um dos artigos aqui incluídos (Campos *et al.*: 73), e que pode traduzir, assim como o fez aos articulistas que o citam, nosso sentimento a respeito da qualidade do conhecimento que nossos idosos detêm: *Não é sábio o que sabe muitas coisas, mas o que sabe coisas úteis.* (Ésquilo). Coisas úteis para sua própria vida e especialmente para a vida de todos nós.

Referências

- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words*. Londres: Oxford University Press. [Trad.: (1975). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Benveniste, E. (1966). *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Éditions Galimard. [Trad.: (1988). A filosofia analítica e a linguagem. Cap.22. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes: 294-305.
- Benveniste, E. (1974). *Problèmes de Linguistique Générale II*, Paris: Éditions Galimard]. [Trad.: (1989). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes.
- Cervoni, J. (1989). *A enunciação*. São Paulo: Ática.
- Milner, J.-C. (1987). *O amor da língua*. (Jesuino, A.C., Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rajagopalan, K. (2003). *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial.

Flamínia Manzano Moreira Lodovici

E-mail: flalodo@terra.com.br

Elisabeth Frohlich Mercadante

E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br

Editoria Científica